

PADRÕES DE ASSOCIAÇÃO ENTRE INDIVIDUALISMO-COLECTIVISMO E CONCEPÇÕES PESSOAIS DE INTELIGÊNCIA NOS CONTEXTOS CULTURAIS PORTUGUÊS E ROMENO

Laura Ciochină & Luísa Faria

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto/Portugal

lciochina@fpce.up.pt & lfaria@fpce.up.pt

Resumo

Neste estudo indagamos os padrões de associação entre a dimensão cultural de individualismo-colectivismo (IND/COL) e as concepções pessoais de inteligência (CPI) nos contextos culturais português e romeno. O IND/COL foi avaliado com o *Questionário de Atitudes em Relação a Si Próprio(a) – QARSP –*, construído no contexto neozelandês por Shulruf, Hattie e Dixon (2003, *Anonymous Questionnaire of Self-Attitudes*), e adaptado aos contextos português e romeno por Ciochină e Faria (2007). As CPI foram avaliadas através da *Escala de Concepções Pessoais de Inteligência* (ECPI), construída e validada para a população portuguesa por Faria (1990-2006) e adaptada ao contexto romeno por Ciochină e Faria (2006). O QARSP, constituído por 26 itens, 15 da escala de IND e 11 da escala de COL, e a ECPI, constituída por 26 itens, 15 da escala *Estática* e 11 da escala *Dinâmica*, foram administrados a uma amostra de 1394 alunos do 10º e 12º anos, 591 portugueses e 758 romenos, dos dois sexos e de diferentes níveis sócio-económicos. Globalmente, os resultados apontaram para o facto de as CPI dinâmicas serem mais ilustrativas do IND e as CPI estáticas serem mais ilustrativas do COL, resultados estes que foram interpretados à luz de factores de natureza sócio-cultural.

1. Introdução

Neste artigo pretendemos analisar as concepções pessoais de inteligência (CPI) na sua relação com a dimensão cultural de individualismo-colectivismo (IND/COL), procurando indagar o modo como esta dimensão pode influenciar a natureza das concepções pessoais de inteligência de adolescentes portugueses e romenos.

Concretamente, propomo-nos pesquisar, no contexto escolar dos dois países – Portugal e Roménia –, a existência de um eventual padrão de associação entre estas dimensões, investigando, à luz das teorizações produzidas acerca das CPI e do IND/COL, dois modelos possíveis de associação entre as referidas dimensões.

Antes de apresentar os referidos modelos de associação, saliente-se que no presente trabalho as CPI serão consideradas à luz do modelo teórico de Dweck e colaboradores (Bandura & Dweck, 1985; Dweck, 1999), modelo este que abarca duas concepções ou teorias adoptadas pelos alunos acerca da sua inteligência.

A primeira destas teorias, designada *concepção estática*, envolve a crença de que a inteligência é uma entidade imutável, concreta, um traço global e estável, logo, limitado em quantidade e incontrolável. Os indivíduos que adoptam esta concepção preocupam-se com a demonstração do seu potencial intelectual através da prossecução de *objectivos centrados no resultado*, objectivos esses que determinam a procura do sucesso e o evitamento do fracasso, bem como a prossecução de *padrões de realização de desistência* (Dweck, 1999; Elliott & Dweck, 1988; Elliott & Harackiewicz, 1996).

A segunda das teorias, designada *concepção dinâmica*, funda-se na crença de que a inteligência representa um conjunto dinâmico de competências que o indivíduo pode controlar, no sentido de o desenvolver através do esforço e do investimento pessoais. Esta concepção promove a adopção pelo indivíduo de *objectivos centrados na aprendizagem*, reflectindo “um desejo de aprender novas competências, de dominar novas tarefas e de compreender coisas novas – um desejo de se tornar mais inteligente” (Dweck, 1999, p. 15). Tais objectivos estão relacionados com a prossecução de *padrões de realização de persistência* (Dweck, 1999; Elliott & Harackiewicz, 1996).

Assim, procuramos indagar se as CPI dinâmicas (que valorizam o papel do esforço e do investimento, bem como o desenvolvimento da competência) caracterizam e são influenciadas por uma mentalidade mais individualista – que, segundo Hofstede (1980), prepara o indivíduo para ter uma atitude positiva face a situações novas e imprevistas, para aprender como *aprender* e para ser mais independente e autónomo –, e se as CPI estáticas (que salientam o evitamento do fracasso e dos desafios, a par da validação da competência pessoal) caracterizam e são influenciadas por uma mentalidade mais colectivista – que, segundo Hofstede (1980), prepara o indivíduo para aprender como *fazer* as coisas necessárias ao bom funcionamento dos grupos de pertença e da sociedade, tornando menos visíveis e, até, menos valorizados os resultados e as atitudes de cada um.

Ora, existem autores que relacionaram as concepções estática e dinâmica da inteligência, e do *self* em geral, com o modelo bipolar do *self* – independente vs. interdependente – (Markus & Kitayama, 1991), duas facetas do *self* ilustrativas dos contextos culturais respectivamente individualistas e colectivistas.

No caso do *self* independente, predominante nas culturas mais individualistas, os indivíduos desenvolvem tendências psicológicas para identificar atributos positivos do *self*, expressá-los e confirmá-los no comportamento, representando o *self* uma entidade fixa e estável, que determina significativamente o comportamento, logo, à luz desta argumentação, pretendemos verificar se os individualistas teriam concepções de inteligência mais estáticas.

Já no caso do *self* interdependente, mais ilustrativo das culturas colectivistas, este é visto como fluído e em mudança, susceptível de ser melhorado. Nesta perspectiva, propomo-nos verificar se os colectivistas apresentarão concepções pessoais de inteligência mais dinâmicas.

Ora, no que se refere à dimensão cultural de IND/COL, Realo e Allik (1999) observaram que as comparações interculturais realizadas acerca deste eixo de variação cultural se têm limitado à utilização de amostras provenientes da América do Norte e Ásia de Leste, consideradas protótipos de culturas respectivamente individualistas e colectivistas.

Deste modo, com a presente investigação pretendemos alargar o elenco das culturas analisadas nos estudos de comparação intercultural sobre a dimensão de individualismo-colectivismo, sendo os contextos culturais envolvidos neste trabalho, o português e o romeno, dois países latinos que passaram por um regime de ditadura – fascismo em Portugal e comunismo na Roménia –, aspecto este que pode ter conduzido “através de mecanismos ideológicos, políticos, culturais e sociais específicos, à estruturação de uma mentalidade colectivista” (Ciochină & Faria, 2006, p. 178).

A despeito destas semelhanças entre Portugal e a Roménia, se partirmos da constatação de Hofstede (1980), que encontrou, no âmbito dos seus estudos, uma correlação positiva entre o grau de individualismo e um elevado PNB, ao qual está associada uma economia baseada em interesses individuais, a nossa hipótese é que, dado o desnível sócio-económico existente entre os dois países, desnível esse determinado, por um lado, pelos momentos diferentes de começo do regime democrático em ambos os países (1974 em Portugal e 1989 na Roménia) e, por outro lado, pelo seu estatuto político actual (Portugal fazendo parte há vários anos da União Europeia, enquanto a Roménia apenas é recentemente um país comunitário), o modelo de vida individualista, com as suas normas de funcionamento características, tem sido assimilado pela sociedade portuguesa em maior grau do que pela sociedade romena.

Assim, pretendemos com o presente trabalho explorar as semelhanças e as diferenças entre Portugal e a Roménia relativamente a esta dimensão tão importante de individualismo-colectivismo, indagando o seu impacto no contexto escolar, nomeadamente no que concerne às concepções pessoais de inteligência que, indubitavelmente, são influenciadas pelo contexto sócio-cultural a que pertencem e em que agem os indivíduos.

2. Participantes

Os participantes são 591 alunos portugueses e 758 alunos romenos (Quadro 1), seleccionados em função do contexto cultural (Portugal vs. Roménia), do ano de escolaridade (10º e 12º anos), do género (feminino vs. masculino) e do nível sócio-económico – NSE – (alto, médio e baixo).

Quadro 1 – Caracterização das subamostras em função do contexto cultural, do ano de escolaridade, do género e do nível sócio-económico

Contexto		Ano de escolaridade			Género		Nível sócio-económico				
		10º	12º	Total	Masc.	Fem.	Total	Alto	Médio	Baixo	Total
Portugal	<i>n</i>	286	305	591	283	308	591	199	225	164	588*
	%	48,4	51,6	100	47,9	52,1	100	33,7	38,1	27,7	99,5*
Roménia	<i>n</i>	368	390	758	321	437	758	226	296	223	745**
	%	48,5	51,5	100	42,3	57,7	100	29,8	39,1	29,4	98,3**

Nota: * 3 omissões (0,5%) nas respostas à variável NSE.

**13 omissões (1,7%) nas respostas à variável NSE.

3. Instrumentos e procedimento

A dimensão de individualismo-colectivismo foi avaliada utilizando o *Questionário de Atitudes em Relação a Si Próprio(a)* (QARSP).

O QARSP foi construído no contexto neozelandês por Shulruf, Hattie e Dixon (2003, 2007), sob a designação de *Anonymous Questionnaire of Self-Attitudes* (AQSA), tendo sido validado para os contextos culturais português e romeno através de estudos de análise factorial confirmatória (Ciochină & Faria, 2007). É constituído por duas escalas – a escala de individualismo (EI) e a escala de colectivismo (EC). A EI abarca três subescalas – a *unicidade* (itens 2, 12, 22 e 26; por exemplo, item nº 2 “Gosto de ser único(a) e diferente dos outros.”), a *competição* (itens 1, 6, 7, 14, 21, 23 e 25; por exemplo, item nº 21 “Tento obter melhores notas do que os meus colegas.”) e a *responsabilidade* (itens 5, 11, 17 e 19; por exemplo, item nº “Sou responsável pelas minhas acções.”) –, enquanto que a EC compreende duas subescalas – a *harmonia* (itens 4, 9, 16 e 20; por exemplo, item nº 20 “Não mostro o que penso se isso puder conduzir a uma discussão.”) e o *aconselhamento* (itens 3, 8, 10, 13, 15, 18 e 24; por exemplo, item nº 18 “Antes de fazer uma viagem importante consulto os meus amigos.”).

Concretizando, na EI os itens da subescala *unicidade* referem-se à definição da própria identidade como diferente e independente dos outros, os itens que constituem a subescala *competição* tentam captar atitudes e comportamentos que implicam a definição da identidade em termos de comparação social e de competição com os outros e os itens da subescala *responsabilidade* fazem referência a acções realizadas independentemente dos outros, de um modo responsável, e a modelos comunicacionais que implicam clareza, logo, responsabilidade pelo que é dito. Já para a EC, os itens da subescala *harmonia* espelham comportamentos que procuram manter a harmonia dentro do grupo de pertença (através do evitamento de discussões e do uso de modos de comunicação indirecta), bem como comportamentos e atitudes que privilegiam os interesses do grupo de pertença em detrimento dos pessoais e, por sua vez, os itens da subescala *aconselhamento* fazem referência ao pedido de

conselho aos pais, aos colegas e aos amigos próximos acerca da tomada de decisões importantes, bem como acerca da realização de determinadas acções.

Finalmente, refira-se que os itens do QARSP são cotados numa escala de *Likert* de frequência, com seis pontos, variando entre *nunca* e *sempre* a frequência de atitudes e comportamentos de tipo individualista e de tipo colectivista.

As concepções pessoais de inteligência foram avaliadas com a *Escala de Concepções Pessoais de Inteligência* (ECPI), construída e validada para a população portuguesa por Faria (1990, 1996, 2003, 2006) e validada para o contexto cultural romeno através de estudos de análise factorial confirmatória (Ciochină & Faria, 2006). A versão inicial da ECPI tem 26 itens, 15 representativos da concepção estática (itens 1, 5, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22 e 25) e 11 da concepção dinâmica (itens 3, 4, 6, 9, 11, 13, 17, 21, 23, 24, 26). De salientar que esta escala engloba aspectos novos relacionados com as concepções pessoais de inteligência, tais como a importância do esforço, formas de demonstrar competência e de evitar o fracasso.

A partir dos resultados de Ciochină e Faria (2006), optamos, nesta investigação, por utilizar uma versão reduzida da ECPI, com 15 itens, 6 itens ilustrativos da concepção estática (4, 5, 9, 10, 12, 14; por exemplo, item nº 5 “Posso aprender coisas novas, mas não posso realmente mudar a minha inteligência.”) e 9 ilustrativos da concepção dinâmica (itens 1, 2, 3, 6, 7, 8, 11, 13, 15; por exemplo, item nº 2 “O esforço permite tornar-me mais inteligente.”). Os itens da ECPI são cotados numa escala *Likert* de 1 a 6 e a pontuação máxima (6) corresponde à concordância total com os itens da escala dinâmica ou à discordância total com os itens da escala estática.

Em ambos os países, foram rigorosamente adoptadas as mesmas condições de administração para todos os instrumentos, nomeadamente a administração colectiva, em conjunto com um questionário sócio-demográfico, a turmas inteiras, em horários lectivos, sendo garantidos a confidencialidade e o anonimato das respostas.

Em Portugal, os dados foram recolhidos em seis escolas secundárias do Porto e numa escola de Oliveira do Douro. Na Roménia, os dados foram recolhidos em três escolas secundárias de Oneşti, numa escola de Bacău, numa escola de Comăneşti e numa escola de Iaşi.

Por fim, os dados recolhidos foram analisados com o programa estatístico SPSS, versão 16.0.

4. Resultados

Neste âmbito, o objectivo foi o de indagar o tipo de relação entre a dimensão cultural de individualismo-colectivismo e as concepções pessoais de inteligência. Mais concretamente, tal como referimos detalhadamente no início do presente trabalho, propomo-nos investigar se as CPI dinâmicas caracterizam e são influenciadas por uma mentalidade mais individualista, e se as CPI estáticas caracterizam e são influenciadas por uma mentalidade mais colectivista.

Por outro lado, à luz das teorizações que relacionaram as concepções estática e dinâmica da inteligência e do *self* em geral, com o modelo bipolar do *self* – independente vs. interdependente – (Markus & Kitayama, 1991), pretendemos verificar se os individualistas, que encaram o *self* como uma entidade fixa e estável, teriam concepções de inteligência mais estáticas, e se os colectivistas, que encaram o *self* como fluído e susceptível de ser melhorado, apresentarão concepções de inteligência mais dinâmicas.

Para tal, seleccionámos os participantes com perfis extremos do ponto de vista das concepções pessoais de inteligência – consideradas na escala total (concepção estática e dinâmica) –, isto é, foram retidos na análise os casos do primeiro e do terceiro quartis, nomeadamente os casos com as CPI mais estáticas e os casos com as CPI mais dinâmicas. A distribuição dos casos nos dois contextos culturais encontra-se no Quadro 2.

Quadro 2 – Distribuição das respostas dos participantes nos 1º e 3º quartis das concepções pessoais de inteligência nos contextos culturais português e romeno

Contexto cultural	Concepções pessoais de inteligência	
	Estática	Dinâmica
Portugal	N=181	N=102
Roménia	N=175	N=183

Em seguida, fomos analisar os níveis de individualismo e de colectivismo nestes grupos contrastantes, em ambos os contextos culturais.

Assim, no contexto cultural português, na escala de individualismo, o *t-test* independente revelou que os participantes com concepções de inteligência dinâmicas (M=64,98, DP=11,07) manifestam níveis significativamente mais altos de individualismo do que os participantes com concepções de inteligência estáticas [M=61,24, DP=10,62, $t(274)=-2,762$, $p=0,006$]. Simultaneamente, na escala de colectivismo, os resultados mostraram que os participantes com concepções de inteligência dinâmicas (M=41,97, DP=7,31) manifestam níveis significativamente mais altos de colectivismo de que os participantes com concepções estáticas de inteligência [M=40,09, DP=6,89, $t(271)=-2,127$, $p=0,034$]. Estes resultados encontram-se representados no Gráfico 1.

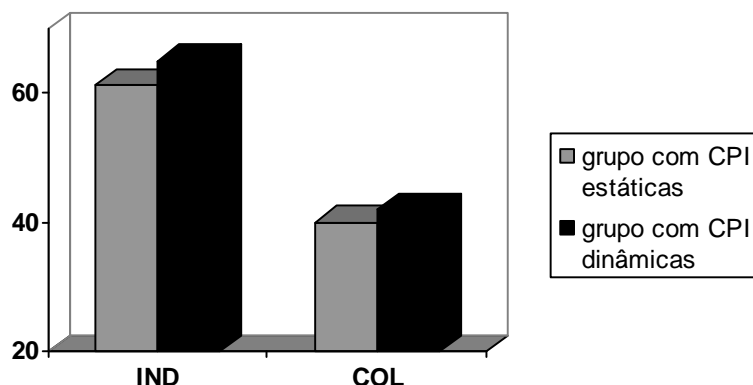


Gráfico 1 – Diferenças no individualismo e no colectivismo nos grupos com CPI estáticas e dinâmicas no contexto cultural português

Ora, à luz dos resultados obtidos na escala de individualismo, tal como tínhamos previsto, as CPI dinâmicas parecem ser ilustrativas de um modelo de vida pessoal e inter-relacional de individualismo, sendo a crença na unicidade da própria pessoa, a responsabilidade assumida pelas próprias acções e a competição construtiva, factores que promovem o desenvolvimento de atributos pessoais, tais como a inteligência.

É de salientar, contudo, o aspecto seguinte: quando investigámos as diferenças no nível de individualismo – nas respectivas subescalas específicas de *unicidade*, *competição* e *responsabilidade* –, observámos níveis significativamente mais altos de individualismo no caso dos participantes com CPI dinâmicas em todas as subescalas de IND, menos na de *competição*, onde não se revelaram diferenças significativas entre os participantes com CPI estáticas ($M=25,71$, $DP=7,19$) e os participantes com CPI dinâmicas [$M=27,03$, $DP=8,21$, $t(270)=-1,405$, $p=0,161$].

Tais resultados sustentam o que referimos anteriormente, isto é, o facto de a competição – no sistema educativo português – conduzir à demonstração de competência e à obtenção de bons resultados, aspectos estes que posicionam a preocupação com o desenvolvimento da inteligência num plano secundário.

No que se refere aos resultados obtidos na escala de colectivismo, no contexto cultural português, estes demonstram que as CPI dinâmicas são também ilustrativas de um modelo de vida pessoal e inter-relacional colectivista. Tais resultados sugerem, mais uma vez, a ortogonalidade dos construtos de IND/COL, tendo-nos conduzido à sua exploração mais cabal ao nível das subescalas do COL.

Mais concretamente, observámos diferenças significativas entre os participantes com CPI estáticas e dinâmicas, mas apenas na subescala de *aconselhamento* [$M_{CPE}=27,59$, $DP=5,77$; $M_{CPD}=29,13$, $DP=6,24$, $t(274)=-2,067$, $p=0,040$], pedindo os participantes com CPI dinâmicas ($M=29,13$, $DP=6,24$) mais o *aconselhamento* dos

outros do que os participantes com CPI estáticas [$M=27,59$, $DP=5,77$, $t(274)=-2,067$, $p=0,040$]. Na verdade, na subescala de *harmonia* não se evidenciaram diferenças significativas na procura e na manutenção da harmonia entre os participantes com CPI estáticas ($M=12,47$, $DP=2,75$) e dinâmicas [$M=12,86$, $DP=3,23$, $t(278)=-1,058$, $p=0,291$].

Ora, estes resultados sugerem que a procura do *aconselhamento* dos outros significativos não parece conduzir a uma debilitação da própria capacidade de tomar decisões ou a uma desvalorização dos resultados e das atitudes pessoais. Pelo contrário, saber pedir conselho acerca de assuntos importantes – tal como é o caso dos assuntos escolares –, sugere a habilidade de diagnosticar problemas na própria capacidade decisional e a disponibilidade para aprender, que representam factores importantes para melhorar e desenvolver a própria pessoa.

Deste modo, quando se trata da inteligência, o facto de se pedir conselho indica a percepção dos alunos acerca da natureza maleável deste atributo psicológico, e implicitamente a natureza circunstancial das tarefas e dos assuntos escolares que, às vezes, são mais fáceis e podem ser resolvidos sem apelar aos conselhos dos outros, mas, que outras vezes, são mais difíceis, situação em que o *aconselhamento* dos outros pode contribuir para o esclarecimento do problema, bem como para a aquisição de novas estratégias e soluções para os resolver.

Mais ainda, o facto de os participantes com CPI estáticas e dinâmicas não terem revelado diferenças significativas na subescala de *harmonia*, sugere o facto de o colectivismo, manifestado sob esta forma, isto é, a manutenção da harmonia no endogrupo, ser uma dimensão inter-relacional separada da percepção da natureza fixa ou maleável da inteligência.

Relativamente ao contexto cultural romeno, na escala de individualismo, o *t-test* independente evidenciou resultados similares aos obtidos no contexto cultural português. Mais concretamente, os resultados apontaram para o facto de os participantes com concepções pessoais de inteligência dinâmicas ($M=67,43$, $DP=9,85$) apresentarem níveis mais altos de individualismo do que os participantes com concepções pessoais de inteligência estáticas [$M=61,81$, $DP=10,46$, $t(349)=-5,178$, $p=0,000$].

Por sua vez, à semelhança do que tinha sido evidenciado no contexto cultural português, no contexto romeno, na escala de colectivismo, os resultados mostraram que os participantes com concepções de inteligência dinâmicas ($M=40,12$, $DP=8,59$) apresentam níveis mais altos de colectivismo do que os participantes com concepções estáticas de inteligência [$M=38,09$, $DP=7,84$, $t(352)=-2,318$, $p=0,021$]. Estes resultados encontram-se representados no Gráfico 2.

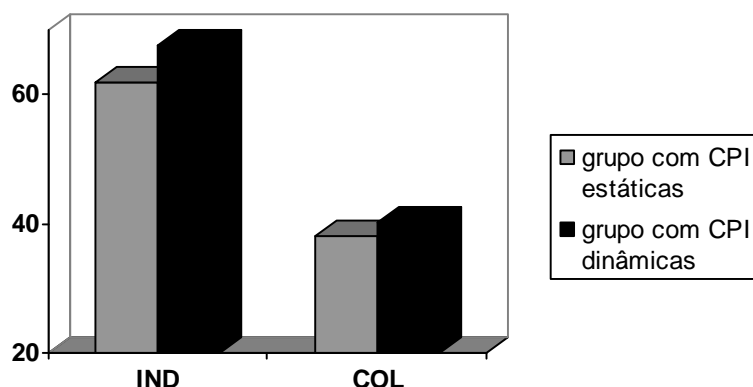


Gráfico 2 – Diferenças no individualismo e no colectivismo nos grupos com CPI estáticas e dinâmicas no contexto cultural romeno

Ora, no que se refere à escala de individualismo, ao explorarmos as diferenças nas respectivas três subescalas – *unicidade*, *competição* e *responsabilidade* –, ao contrário do que foi observado no contexto cultural português, notámos diferenças em todas em função do tipo de concepções pessoais de inteligência dos participantes.

Mais especificamente, na subescala de *competição*, onde não se tinham revelado diferenças no caso dos participantes portugueses, os resultados evidenciaram que os participantes romenos com CPI dinâmicas ($M=29,53$, $DP=5,91$) apresentam níveis significativamente mais altos de competição do que os participantes com CPI estáticas [$M=27,12$, $DP=6,20$, $t(355)=-3,769$, $p=0,000$]. Tais resultados sugerem que, ao contrário do que acontece no contexto cultural português, no sistema educativo romeno, a competição parece ter uma valência mais construtiva, significando *lutar e ser melhor do que os outros*, não no sentido de demonstrar competência aos outros e evitar o fracasso, mas sim de desenvolver a competência intelectual.

No que diz respeito aos resultados obtidos na escala de colectivismo, no contexto cultural romeno, os resultados e a sua interpretação são similares aos obtidos para a subamostra portuguesa. Mais concretamente, nas duas subescalas de colectivismo – *harmonia* e *aconselhamento* – notámos o seguinte: na subescala de *aconselhamento*, os participantes com CPI dinâmicas ($M=26,79$, $DP=6,30$) pedem mais o conselho dos outros, acerca de assuntos importantes ligados à escola e à sua vida extra-escolar, do que os participantes com CPI estáticas [$M=25,00$, $DP=6,33$, $t(353)=-2,676$, $p=0,008$], enquanto que na subescala de *harmonia*, não se evidenciaram diferenças significativas na procura e na manutenção da harmonia entre os participantes com CPI estáticas ($M=13,09$, $DP=3,62$) e dinâmicas [$M=13,32$, $DP=3,75$, $t(355)=-0,595$, $p=0,552$].

Concluindo, salientamos que à luz dos resultados obtidos acerca da dimensão de IND/COL avaliada com o *QARSP* e acerca das CPI avaliadas com a *ECPI*, verificamos que as concepções pessoais de inteligência

dinâmicas são ilustrativas de um modelo cognitivo e social mais individualista, que valoriza a compreensão da identidade pessoal em termos de unicidade, responsabilidade e competição, associando-se a fraca manifestação de tais atributos a concepções pessoais de inteligência estáticas.

Porém, quanto à competição, enquanto atributo da dimensão de individualismo, verificamos que esta funciona de maneira diferente nos dois contextos culturais analisados neste estudo. Mais concretamente, no contexto cultural português, a competição incentiva mais a preocupação com a obtenção de melhores resultados do que os outros, sendo a preocupação com o desenvolvimento da inteligência sacrificada, enquanto que no contexto cultural romeno, a competição parece estimular o desejo de ser melhor do que os outros e a obtenção de bons resultados, mas através do interesse pelo desenvolvimento da capacidade intelectual (Ciochină & Faria, 2011).

Por sua vez, verificamos, também, que as concepções pessoais de inteligência dinâmicas são também ilustrativas de um modelo cognitivo e social mais colectivista, modelo este que se exprime ao nível da procura de conselhos dos outros e não ao nível da manutenção da harmonia no endogrupo. Na verdade, a procura e a aceitação dos conselhos dos outros, quando se trata de assuntos relacionados com as tarefas e as escolhas escolares, representam factores importantes de mudança, uma vez que, embora pareça paradoxal, pedem-se conselhos quando os problemas são encarados como ultrapassáveis. Se, por exemplo, um erro ou um fracasso forem percebidos como fatais, sendo indicadores de incompetência, os alunos serão menos susceptíveis de pedir o aconselhamento dos outros. Por outras palavras, pedir conselho é uma medida da percepção dos alunos sobre a natureza mutável e incremental dos seus atributos pessoais, tais como a inteligência, e, implicitamente, sobre o potencial de melhoria do seu desempenho escolar. Aliás, uma das características dos alunos com elevada motivação para a realização é a procura de *feedback* do exterior.

Quanto à preocupação com a harmonia do grupo e o bom entendimento entre os seus membros, parece que o seu nível não varia com a direcção estática ou dinâmica das concepções pessoais de inteligência, sugerindo que este aspecto do colectivismo – a manutenção da harmonia –, tem um impacto mais forte no desenvolvimento do grupo, do que no desenvolvimento individual dos seus membros (Ciochină & Faria, 2011).

5. Conclusões

Os resultados apontam para o facto de as CPI dinâmicas serem mais ilustrativas do IND e as CPI estáticas mais ilustrativas do COL entendido em termos de fraca manifestação de atributos individualistas. Tais resultados sugerem o facto de a crença na unicidade pessoal, a competição construtiva e a responsabilidade (dimensões individualistas avaliadas com o QARSP, isto é, o questionário que foi utilizado na presente investigação) constituem factores que promovem o desenvolvimento da própria pessoa, em geral, e da inteligência, em

particular. No entanto, a fraca manifestação de tais atributos individualistas parece conduzir a concepções de inteligência estáticas e a uma imagem estagnada sobre o desenvolvimento da inteligência.

De facto, os resultados evidenciaram que as concepções pessoais de inteligência dinâmicas são também ilustrativas de um modelo cognitivo e social mais colectivista, modelo este que se exprime ao nível da procura de conselhos dos outros (podendo o pedido de aconselhamento ser considerado uma medida da percepção dos alunos sobre a natureza mutável e incremental dos seus atributos pessoais, nomeadamente a inteligência), verificando-se deste modo a relação entre o *self* interdependente dos colectivistas e as CPI dinâmicas e apontando para aspectos positivos do COL, com relevância para o desenvolvimento de vários atributos pessoais, entre os quais a inteligência.

Assim, observamos que o individualismo, tal como o colectivismo comportam aspectos positivos que se associam a concepções pessoais de inteligência dinâmicas, pelo que a preocupação em investigar mais cabalmente tais aspectos aparece como um importante objectivo de eventuais programas de intervenção no contexto escolar.

6. Referências bibliográficas

- Bandura, M., & Dweck, C. S. (1985). *Self-conceptions and motivation: conceptions of intelligence, choice of achievement goals, and patterns of cognition, affect and behavior*. Unpublished manuscript. Harvard University, Laboratory of Human Development.
- Ciochină, L., & Faria, L. (2006). Concepções pessoais de inteligência de estudantes portugueses e romenos. Um estudo preliminar de análise factorial confirmatória. *Psychologica*, 41, 171-191.
- Ciochină, L., & Faria, L. (2007). Individualismo-colectivismo: Dos aspectos conceptuais e metodológicos à adaptação e validação de uma escala para o contexto português. *Análise Psicológica*, 4(XXVI), 537-549.
- Ciochină, L., & Faria, L. (2011). *Inteligência e cultura: do individualismo-colectivismo às concepções pessoais de inteligência*. Porto: Livpsic/Légis Editora.
- Dweck, C. S. (1999). *Self-theories: their role in motivation, personality, and achievement*. Philadelphia, PA: Psychology Press.
- Elliott, E. S., & Dweck, C. S. (1988). Goals: An approach to motivation and achievement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 5-12.
- Elliot, A. J., & Harackiewicz, J. (1996). Approach and avoidance goals and intrinsic motivation: a mediational analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 461-475.
- Faria, L. (1990). *Concepções pessoais de inteligência*. Dissertação apresentada para provas de aptidão pedagógica e capacidade científica na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto: Edição do autor.

- Faria, L. (1996). Desenvolvimento intra-individual das concepções pessoais de inteligência durante a adolescência. *Revista Portuguesa de Psicologia*, XXX(1), 17-33.
- Faria, L. (2003). Escala de concepções pessoais de inteligência (E.C.P.I.). In M. M. Gonçalves, M. R. Simões, L. S. Almeida & C. Machado (Coords.), *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população portuguesa* (vol. I, pp. 131-144). Coimbra: Quarteto Editora.
- Faria, L. (2006). Escala de Concepções Pessoais de Inteligência (E.C.P.I.). In M. M. Gonçalves, M. R. Simões, L. S. Almeida & C. Machado (Coords.), *Avaliação Psicológica – Instrumentos validados para a população portuguesa* (vol. I, 2ª edição revista). Coimbra: Quarteto Editora.
- Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224-253.
- Realo, A., & Allik, J. (1999). A cross-cultural study of collectivism: a comparison of American, Estonian, and Russian students. *The Journal of Social Psychology*, 139(2), 133-142.
- Shulruf, B., Hattie, J., & Dixon, R. (2003). *Development of a new measurement tool for individualism and collectivism*. Paper presented at the NZAREA/AARE Joint Conference 2003, Auckland, New Zealand (<http://www.aare.edu.au/03pap/shu03265.pdf> - sítio consultado: 14/03/2005, 11:35).
- Shulruf, B., Hattie, J., & Dixon, R. (2007). Development of a new measurement tool for individualism and collectivism. *Journal of Psychoeducational Assessment* (<http://jpa.sage.pub.com> - sítio consultado em 01/04/2007, às 11:30).